

Os primeiros brasileiros



CURADORIA JOÃO PACHECO DE OLIVEIRA
Museu Nacional | UFRJ
Dipes | Fundação Joaquim Nabuco

Os primeiros brasileiros



Biblioteca Central | 2º andar | Campus da UFPE
Cidade Universitária | Recife | Pernambuco
7 de maio a 20 de junho de 2007
Segunda a Sexta-feira de 8h às 19h
Sábado de 8h às 12h

Centro Dragão do Mar
Rua Dragão do Mar 81
Praia de Iracema | Fortaleza
13 de setembro a 25 de novembro de 2007
Terça a Quinta-feira de 9h às 19h
Sexta-feira a Domingo de 14h às 21h

Os Primeiros Brasileiros propõe ao visitante um passeio pela história do Brasil, assinalando as diferentes formas pelas quais os indígenas do nordeste foram vistos e incorporados ao processo de construção nacional. Para isso a exposição está integrada treze cenas, distribuídas em quatro espaços distintos – o primeiro encontro, o mundo colonial, o mundo indígena e os indígenas no Brasil contemporâneo. As imagens têm um lugar essencial na exposição, funcionando como disparadores de significados.

Oferecendo ao público imagens e informações de natureza histórica e cultural, o objetivo da exposição é estimular o visitante a exercer perante os índios um processo de reavaliação efetiva do “nós” e do “eles”, propiciando uma identificação positiva com aquelas coletividades. Pretende assim favorecer o despertar de novas questões, emoções e perspectivas sobre os indígenas no Brasil, constituindo-se em uma estrada aberta, ao fim da qual cada um poderá re-examinar seus próprios conceitos e opiniões, distanciando-se dos estigmas e preconceitos com os quais operam, tanto o senso comum, quanto as representações eruditas e populares.

Ainda hoje a imagem que se tem do índio permanece exclusivamente comprometida com o passado e a reconstrução idealizada de formas pretéritas, em geral equiparadas à primitividade. É necessário agora caminhar em outra direção, que esteja comprometida com o esforço de pensar os indígenas sob a chave da criação de cultura.

As manifestações atuais destas culturas resultam não de uma situação de isolamento, mas de um diálogo ativo com outras coletividades, portadoras de tradições culturais contrastantes (indígenas, européias e africanas), com que interagiram em contextos históricos múltiplos e bem diferenciados.



OS PRIMEIROS BRASILEIROS

Embora a narrativa central ocorra dentro de amplos e sucessivos quadros históricos, o tempo na exposição não é apenas linear,

mas dialético e interativo. O próprio nome exemplifica bem essa relação com o tempo. A rigor, seria um anacronismo falar dos indígenas como “os primeiros brasileiros”, pois quando do descobrimento, nada existia de semelhante ao que hoje chamamos Brasil. O que veio a ser constituído foi de início uma colônia portuguesa, até mesmo com outros nomes (Terra de Vera Cruz e Terra de Santa Cruz), e que não incluía sequer a região amazônica, o sul e o centro-oeste. O Brasil que conhecemos como unidade territorial e política é, sobretudo, uma criação do século XIX.

O fundamento legitimador dos direitos especiais com que contam os indígenas hoje, no entanto, advém precisamente do reconhecimento de sua condição de herdeiros e descendentes da população autóctone. O seu direito à terra, à vida e ao bem-estar precede em termos lógicos e históricos, portanto, a colonização portuguesa. Isso está consignado nos atos fundadores da nação brasileira, nos quais José Bonifácio trata os indígenas como parte formadora de nosso povo e dá início a uma tradição jurídica e do pensamento social brasileiro que se estende até o indigenismo republicano (o Serviço de Proteção ao Índio/ SPI, o Estatuto do Índio e se consolida na constituição de 1988).

É por este prisma que se fundamenta a exposição, assumindo explicitamente sua ligação e compromisso com os movimentos indígenas e sua luta atual por formas de cidadania diferenciada.

Acima, marcha dos índios Xucurus em homenagem ao cacique Chicão,
assassinado em 1998.

Pesqueira, 2006 | Foto Estevão Palitot



Índia Camacã e Índio Camacã Mongóio.
Jean Baptiste Debret in *Voyage pittoresque
et historique au Brésil. (1816-1831).*
Firmin Didot Frères. Paris. 1834-1839.



O PRIMEIRO ENCONTRO

No momento da descoberta a população autóctone não era pequena, muito menos pobre ou frágil. Segundo os cálculos da demografia histórica, os nativos seriam entre 1,5 e 5 milhões. Se todos os portugueses (1,2 milhão) viessem nos barcos, e não apenas alguns poucos, ainda assim os indígenas seriam a larga maioria. Por muitas décadas essa situação persistiu.

Ao chegar no litoral do nordeste os navegadores encontraram sociedades fortes e bem constituídas, estabelecidas em um meio ambiente muito favorável. Os primeiros cronistas traçaram um retrato muito favorável da terra e da gente (que muitas vezes chamavam de “brasis”). A imagem do paraíso terrenal, presente no imaginário medieval e renascentista, foi atualizada em muitos relatos sobre o Novo Mundo.

Náufragos portugueses, como Caramuru e João Ramalho, vieram a contrair matrimônio com as filhas da terra. Índios vindos do Brasil participaram de cerimônias na corte francesa e inspiraram os filósofos na formulação do direito natural e na concepção do bom selvagem. A diferença cultural não necessariamente implicou no desencadeamento do ódio e da violência, nem na imediata atribuição de qualidades depreciativas e criminalizantes ao outro.

Terra Brasilis,

Mapa do Atlas Miller.

Lopo Homem (com Pedro e Jorge Reinel).

1515-1519.

MUNDO COLONIAL

A segunda parte da exposição propõe um mergulho no mundo colonial e situa o visitante no século XVI, no processo de construção de uma colônia portuguesa que, por fim viria a chamar-se Brasil. Nos compêndios de história, bem como nas mostras e exposições oficiais, os relatos omitem ou minimizam sistematicamente a presença indígena, numa prática narrativa que em gerações sucessivas se tornou algo corriqueiro e natural.

Em vez de aceitar tais parâmetros cognitivos e as estratégias expositivas daí derivadas, a exposição busca desvelar ao visitante a multiplicidade de formas pelas quais o indígena esteve presente no universo colonial, sublinhando sua importância na vida e nas instituições desse período. O Brasil foi (e é) povoado por extensa e diversificada população autóctone, sem a qual teriam sido impossíveis não só a exploração de riquezas ou a ocupação permanente do interior, mas até a própria existência das cidades coloniais do litoral e a fixação das fronteiras internacionais.

À medida que Portugal reforçou o seu controle sobre a região e o comércio tornou-se mais intenso e regular, as relações entre





colonizadores e indígenas não mais apareceram como simétricas, estabelecendo-se vínculos de dependência e exploração. Embora a escravização de índios fosse ilegal, existiram muitas formas de burlar tal proibição. A população nativa foi largamente usada não só na coleta do pau-brasil, em obras públicas (na construção de fortes, igrejas e caminhos), como soldados, e também na lavoura do açúcar, nos engenhos e nas minas de salitre.

Desde a independência, o índio tem sido freqüentemente pensado como símbolo da nação brasileira. Não apenas em textos dos patronos da pátria e heróis da nacionalidade, como José Bonifácio ou Cândido Rondon, mas também na multiplicidade de obras de pensadores, juristas, romancistas, pintores e músicos, os quais produziram representações eruditas nessa direção. Também o imaginário popular celebra o índio como o verdadeiro dono da terra, detentor de um saber e de um poder excepcionais.

A imagem que se tem do índio, no entanto, permanece exclusivamente comprometida com o passado, com a reconstrução idealizada de formas pretéritas. Essa valorização do índio, sempre remetida ao passado e a visões estereotipadas, corre paralela ao desconhecimento de sua diversidade real e de suas manifestações culturais concretas (atuais e passadas).

Página anterior, Guerrilhas.

Johann Moritz Rugendas.

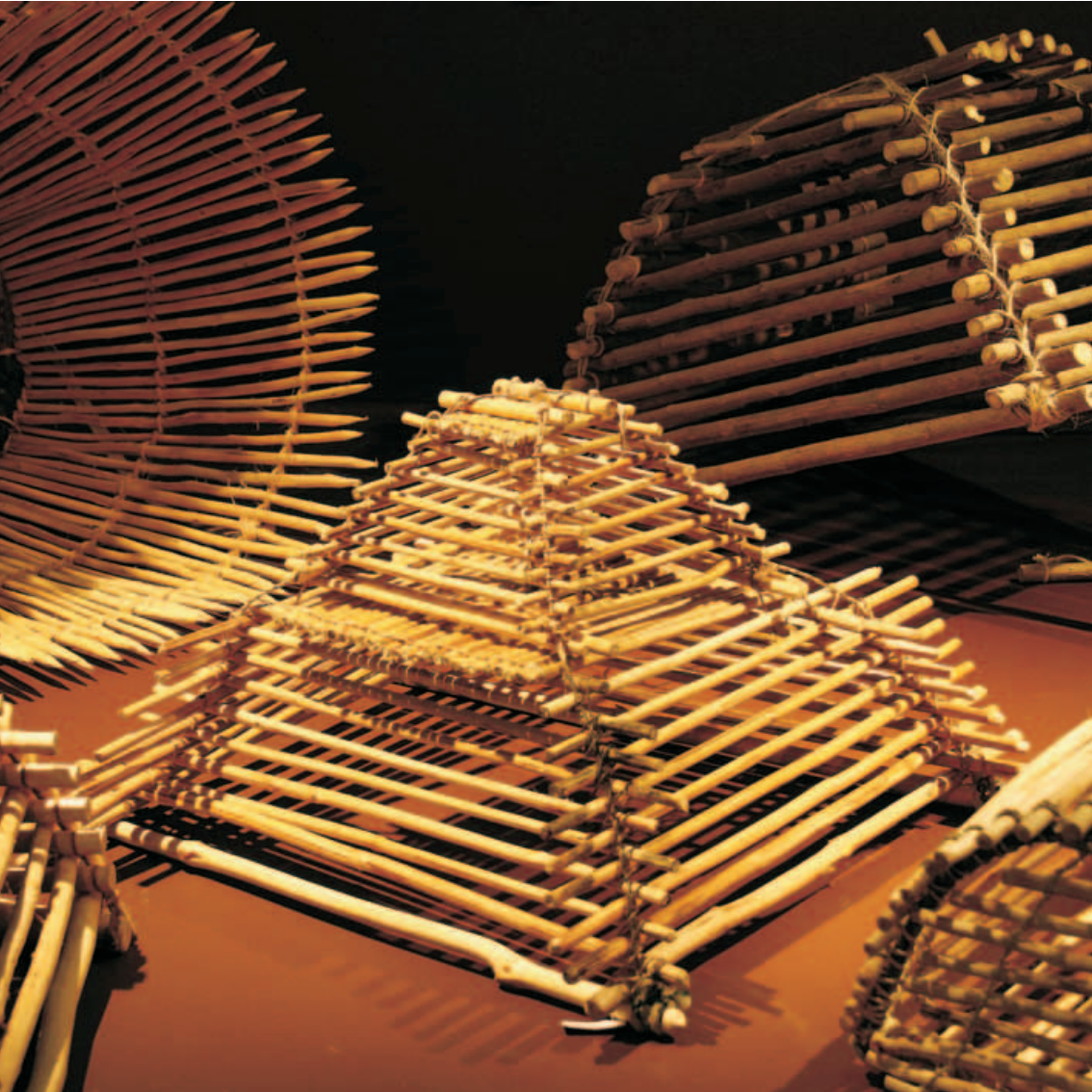
Voyage pittoresque dans le Brésil.

Engelman et Cie. Paris. 1835.

Página ao lado, Elevação da Cruz em Porto Seguro, detalhe.

Pedro Pères, 1879.





MUNDO INDÍGENA

A terceira parte da exposição faz o visitante ingressar em um outro espaço, claramente demarcado como indígena, onde lhe são apresentados objetos e imagens que se referem a múltiplas esferas de atividades socioculturais. Conduz-se assim o público a praticar uma imersão em um espaço próprio dessas culturas, algo que não está situado unicamente no passado ou no presente.

Os artefatos exibidos mostram a riqueza e a diversidade atuais das culturas indígenas do Nordeste, sem escamotear a complexidade das trocas culturais nem simplificar os esquemas de geração no sentido intervenientes. As fotos, por sua vez, reportam-se sobretudo aos usos sociais desses artefatos, tanto no passado quanto na atualidade.

Este módulo propõe assim uma viagem a um Brasil mais distante e desconhecido, aquele das aldeias e das memórias indígenas, uma outra narrativa sobre o país e seus mais antigos moradores, algo que – apesar de sua envolvente força e atualidade – em sua grande maioria, o mundo moderno e urbano ignora por completo.

A expressão mais forte desta alteridade radical ocorre através dos objetos religiosos e do conjunto de práticas e representações a eles associadas, freqüentemente encobertas pelo manto do segredo. À medida que se avança em domínios mais sagrados da cultura, o ambiente de penumbra se adensa e a única luz existente no recinto provém da iluminação das peças.

Raras indicações escritas, limitadas à ficha técnica das peças, também marcam este módulo, onde a complexidade da tradução cultural é desse modo assinalada para o público. A interlocução dos objetos e a geração de significados se estabelece, sobretudo, com as imagens e as músicas, sem a mediação das palavras, idioma supostamente mais claro e universal.



**Machados Fulniô e
meninos Kariri-Xoxó**

2006

Fotos Paulo Pereira





MUNDO CONTEMPORÂNEO

A quarta parte da exposição é o momento pleno e meridiano da contemporaneidade, no qual os indígenas vêm assumindo um papel de proa na construção de novas formas de reconhecimento de direitos e deveres do Estado brasileiro. Está integrada por dois espaços distintos.

O primeiro é destinado a textos e imagens sobre os processos de mobilização política e étnica, ressaltando os personagens e eventos mais marcantes dessa trajetória histórica. Fala também das gerações passadas, que sofreram com o processo de extinção dos aldeamentos e de invasão de suas terras, bem como de invisibilização e apagamento de sua identidade étnica. Se na segunda metade do século XIX a maioria das províncias do nordeste considerou que não existiam mais índios dentro de seus limites administrativos e promoveu a extinção e o loteamento das terras de antigos aldeamentos, no século XX os indígenas, apoiados pelo SPI, por missionários e intelectuais, iniciaram uma mobilização pela retomada de suas terras. As violentas reações daqueles que invadiram suas posses vieram a acarretar a morte de lideranças importantes, a destruição de marcos territoriais e a proibição de prática de rituais. Mas não esmoreceram a resistência indígena. Na década de 50 do século passado eram relacionados 10 (dez) povos indígenas no nordeste. Atualmente, esse levantamento ultrapassa os 40! Esta sala culmina com um mapa dos povos indígenas da região.

O percurso encerra-se no segundo espaço, onde se pode cotejar o antigo imaginário nacional sobre os indígenas com as formas atuais pelas quais eles se auto-representam e marcam sua presença na sociedade brasileira. Ao final, um conjunto de pequenos depoimentos em vídeo apresenta ao visitante algumas trajetórias exemplares de mulheres indígenas, mostrando como pessoas concretas

estão conseguindo, em muitos aspectos, reverter a postura agressiva e discriminatória com que foi conduzido o processo de incorporação ocorrido ao longo de quinhentos anos. Os anos vindouros, todos afirmam, serão “outros quinhentos”!

A exposição é, assim, um convite ao público urbano e da região para aproximar-se de uma maneira nova, crítica e participativa, da experiência indígena.

João Pacheco de Oliveira

Antropólogo, Professor Titular do Museu Nacional
Pesquisador Visitante do DIPES/Fundação Joaquim Nabuco
Curador da Exposição.



Marcha dos índios Xucurus, em Pesqueira, homenagem ao cacique Chicão (assassinado em 1998), Foto Estevão Palitot, **página anterior, índio Tupinambá**, Abril Indígena | Brasília, 2006
| Foto Bruno Pacheco de Oliveira

Concepção e Curadoria

João Pacheco de Oliveira

Realização e Produção Cultural

Ana Paula Jones

Associação Raízes da Tradição

Assistentes de Pesquisa

Marcondes Secundino

Rita de Cássia Santos

Estevão Palitot

Equipe de Pesquisa

Edson Silva (UFPE); Fátima Nascimento (Museu

Nacional); Ivson Ferreira (FUNDAJ); Juliana

Souza Leão (FUNDAJ); Karolline Brasileiro

(FUNDAJ); Lorena Ferreira (FUNDAJ); Macyrlane

Ferreira (FUNDAJ); Mariana Albuquerque

(FUNDAJ); Ricardo Dantas (LACED); Tiago

Correa (FUNDAJ); Thaís Brayner (FUNDAJ);

Wallace de Deus Barbosa (UFF)

Coordenação de comunicação

Equipe da ASCOM/FUNDAJ

Marcos Enrique Lopes

Pesquisa Musical

Edmundo Pereira (UFRN)

Fotografia

Ângela Torresan; Arquivo da APOINME; Arquivo

da ANAI; Arquivo do CIMI-Ne; Arquivo do Jornal

do Commercio; Arquivo de NEI; Bruno Pacheco

de Oliveira; Carlos Alberto Caroso; Carlos

Guilherme do Valle; Estevão Palitot; Joceny

Pinheiro; Luisa Elvira Belaúnde; Marcondes

Secundino; Paulo Pereira; Paulo Pereira Lima;

Patrícia Navarro; Sheila Brasileiro

Vídeo Documentário

Bruno Pacheco de Oliveira

Apoio Institucional

Articulação dos Povos Indígenas do

Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo

(APOINME); Associação Brasileira de

Antropologia (ABA); Ford Foundation;

Fundação Joaquim Nabuco/DIPES; Museu

Nacional/LACED; Museu das Culturas Dom

Bosco (MCDB); Prefeitura de Olinda

Prefeitura de Recife; Programa de Promoção

de Igualdade de gênero, Raça e Etnia/MDA

Secretaria da Identidade e Diversidade

Cultural/MINC; Sesc SP

Itinerância Campus da Universidade

Federal de Pernambuco/UFPE:

Agradecimentos:

Prof. Amaro Henrique Pessoa Lins (Reitor da

Universidade Federal de Pernambuco/UFPE),

Prof. Hermino Ramos de Souza (Pró-reitoria de

Planejamento/PROPLAN), Profa. Norma

Lacerda (Prefeita/Cidade Universitária),

Profa. Adelaide Maria de Lima (Diretora da

Biblioteca Central/UFPE), Profa. Silke Weber

(Presidente do Comitê Científico e Organizativo

do XIII Congresso Brasileiro de Sociologia).

Coordenação de Montagem

Andréa Roca (LACED)

Viviane Luiza da Silva (MCDB)

Itinerância Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura:

Governo do Estado do Ceará

Governador

Cid Ferreira Gomes

Secretário da Cultura do Estado do Ceará

Francisco Auto Filho

Secretária Adjunta

Delânia Azevedo

**Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura
Presidente**

Maninha Morais

Diretor de Ação Cultural

Roberto Galvão

Diretoria de Museus

Valéria Laena B. Rolim

Memoria da Cultura Cearense

Gerente

Márcia Bitu Moreno

Assistente

Nadia Mendes Moreno

Desenho Expositivo

Lili Sarmiento

Organizações Participantes

Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo – APOINME; Coordenação das Organizações dos Povos Indígenas no Ceará – COPICE; Associação Missão Tremembé – AMIT; Centro de Defesa e Promoção dos Direitos Humanos(CDPDH) e Cáritas – Arquidiocese do Ceará; Instituto FIEC de Responsabilidade SocialMinistério Público Federal – MPF; Centro de Estudos Religiosos e Investigação Social – CERIS; Universidade Estadual do Ceará – UECE; Universidade Federal do Ceará – UFC

Praia, Índios Pankararu

Brejo do Burgo, 2006

Foto Bruno Pacheco de Oliveira



PATROCÍNIO



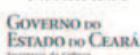
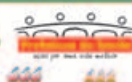
REALIZAÇÃO



Projeto gráfico e Revisão Ascom | Fundaj

APOIO INSTITUCIONAL

Abril Indígena (Brasília, 2006) Foto Bruno Pacheco de Oliveira



FORD FOUNDATION